

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO

Afetividades temporais no centro de Presidente Prudente/SP

*MOVING MEMORIES
Temporal affections
in the center of Presidente
Prudente/SP*

Carolina Silva Tarocchi¹ e Hélio Hirao²

Resumo

O artigo compartilha uma apreensão do processo relacional do corpo com o seu espaço de existência, através da investigação da relação entre tempo, memória e cidade. Explora como as relações temporais são importantes na criação de laços afetivos com o espaço. O centro da cidade de Presidente Prudente, como eixo inicial da formação da cidade, apresenta-se como ambiência do estudo. A pesquisa reconhece memórias, subjetividades e desvios. Através do estudo do pensamento rizomático de Deleuze e Guattari e do método cartográfico, a investigação aprofunda-se na compreensão do tempo não linear, emaranhado, das sobreposições, do ócio e do afeto.

Palavras chave: rizoma, tempo, memória, cidade.

Abstract

The article shares an apprehension of the relational process of the body with its space of existence, through the investigation of the relationship between time, memory and city. It explores how temporal relations are important in creating affective bonds with space. The city center of Presidente Prudente, as the initial axis of the formation of the city, is presented as the ambience of the study. The research recognizes memories, subjectivities and deviations. Through the study of Deleuze and Guattari's rhizomatic thought, the investigation deepens the understanding of non-linear, tangled time, overlapping, idleness and affection.

Keywords: time, memory, rhizome, city.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGARQ) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design FAAC-UNESP na linha de pesquisa Teoria, História e Projeto. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT-UNESP. Foi membro do Grupo de Pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade" (CNPq).

2 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1981), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU USP (1990) e Doutor em Geografia Urbana pela Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT-UNESP (2008). Professor Assistente Doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT-UNESP. Credenciado como professor orientador e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-UNESP). Coordena o Grupo de Pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade" (CNPq).

Em meio a memória e a história

É a característica da memória como fato social que intriga pensar a memória como sinônimo ou refém da história. Para Ecléa Bosi (1994), Halbwachs é um dos primeiros a estudar a memória como fato social. Vista por esse ponto, a memória sofre grande influência das relações sociais, ela é construída e reconstruída com base no contato com outros sujeitos, Halbwachs entrelaça a memória individual com a memória dos grupos de cada sociedade. "Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais" (BOSI, 1994, p. 17). Mas a memória "é um absoluto e a história só conhece o relativo" (NORA 1984, p.9), a história funciona como uma peneira que permite ver determinados recortes de uma estrutura complexa e imprecisa. É por esse motivo, que a história foi por muito tempo domínio de poucos, registrando perspectivas de determinados grupos detentores do poder.

Portanto, o principal inimigo da história continua sendo seu caráter limitador, a investigação de uma perspectiva entre a multiplicidade e inconstância da memória. Para a história, a memória é tratada como um objeto a seu serviço, mas as complexidades desse objeto é seu principal mecanismo corruptor. Portanto, a pergunta exposta é: como apreender a memória? Questiona-se se essa problemática não consiste na perseverança de condicionarmos a memória, a modalidade linear de tempo.

O pensamento político moderno, que concentrou sua atenção na história, não elaborou uma concepção de tempo correspondente. Mesmo o materialismo histórico omitiu-se, até o presente momento, de elaborar uma concepção do tempo que fosse à altura de sua concepção da história. Essa omissão, sem que ele desconfiasse, obrigou-o a recorrer a uma concepção do tempo que domina a cultura há séculos; de modo que coexistem nele uma concepção revolucionária da história e uma experiência tradicional do tempo (AGAMBEN, 1989, p.114 apud PELBART, 2015, p. 117).

Em vista disso, Deleuze e Guattari propõem o termo Nomadologia como motivador de novas ideias de espaço-tempo que se desvinculam da concepção hegemônica. Nomadologia como superação da história. "Escreve-se a história, mas ela sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, e em nome de um aparelho unitário de Estado, pelo menos possível, inclusive quando se falava dos nômades" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 34). Nessa perspectiva o tempo desmaterializa-se. Busca-se um tempo flutuante, não pulsado, dos devires, da memória pura. O tempo que não assume uma forma fixa, seja uma linha, um círculo, um espiral, dentre outras. Tempo não domesticado que arrebenta a peneira da história e permite sentir o múltiplo. Tempo rizomático.

O tempo emaranhado

Busca-se entender o tempo, mas ele parece transformar-se com tamanha agilidade como um improviso de jazz. Possui diversos ritmos. Às vezes é preguiçoso, fica, permanece, é lento. "Tal como a festa de Desaniversário do Chapeleiro Louco de Alice no País das Maravilhas, é sempre a mesma hora" (POHLMANN, 2005, p.16). Outras vezes parece rápido demais, ele encurta, é frenético, como Alice que persegue o Coelho Branco sempre atrasado. Cada pessoa aparenta sentir o tempo de forma diferente, e essa variação parece depender do espaço, do contexto e do enredo que se vivencia. Entra-se em conflito com o tempo, coloca-se nele a culpa de decisões que não podem

ser desfeitas, simultaneamente, ele é a cura, remédio para o amadurecimento.

Muito diferente do que socialmente compreendemos, o tempo não é uniforme, o tempo passa mais rápido quando damos mais atenção a sua passagem, ou mais devagar quando estamos empolgados e não ficamos presos a ele. “Einstein compreendeu que o tempo não passa uniformemente, antes que os relógios fossem precisos o bastante para medir a diferença” (ROVELLI, 2018, p.18). Como explica Rovelli (2018), fisicamente, falar em tempo é entender que ele não é único e orientado. O tempo passa em ritmos diferentes dependendo do lugar e da velocidade, não existe diferença entre passado e futuro, o presente não existe, o tempo salta, flutua e se concretiza apenas em interação.

“Há sonhos que duram instantes em que tudo parece congelado por uma eternidade. Na nossa experiência pessoal, o tempo é elástico. Horas voam como minutos e minutos podem se impor lentos como se fossem séculos.[...] Antes que Einstein dissesse que não era verdade, o que nos levou a pensar que o tempo devia passar à mesma velocidade em todos os lugares? (ROVELLI, 2018, p. 52 e 53).

O tempo uniforme é fruto do aprendizado social. É um tempo cada vez mais compassado. Para Norbert Elias (1998), esse tempo descende de um trabalho social que possibilitou a criação dos instrumentos de medição que, recentemente, vinculam-se ao tempo: os calendários e relógios. Tal processo corresponde a uma sociedade que se orienta por meio da comunicação e através dos símbolos. ELIAS (1998, p.17) diz que “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico”. É a associação social que impõe a perspectiva linear do tempo, percorre-se passado, presente e futuro, o tempo flui uniformemente. É o princípio da flecha móvel do tempo, o presente torna-se intocável após sua transformação em passado e a flecha direciona-se incansavelmente para o inédito futuro.

É provável que as primeiras assimilações das percepções do tempo sejam a dos ciclos, do retorno das estações do ano, das manadas, das fases da lua, dentre outros. Segundo Pohlmann (2005) para a evolução desse entendimento foi essencial o desenvolvimento da capacidade de comunicação, principalmente o da fala, com isso, o homem passa a compartilhar experiências e transmiti-las a seus descendentes. “Além das características hereditárias e do saber instintivo, a prole recebe dos adultos o saber cultural” (POHLMANN, 2005, p. 28). A integração do ciclo e das vivências do grupo permitiu que se gerassem as expectativas e previsões, dessa maneira, o homem passa a apreender não apenas o presente, mas o amanhã. Um dos exemplos mais antigos para se entender a capacidade humana de compreensão da passagem do tempo são os rituais, os ritos sugerem não apenas o sentido de periodicidade da natureza, mas também da própria vida humana.

“Assim como a periodicidade do mundo natural, o homem também sente o tempo na periodicidade da própria vida. As principais transições de uma fase para outra eram consideradas crises, e em consequência disso a comunidade à qual ele pertencia ajudava-o com os rituais apropriados”. (WHITROW, 2005, p.9).

Para Pelbart (2020) o surgimento da escrita modifica os parâmetros associativos do tempo, o tempo cíclico da oralidade abre lugar para o tempo linear da escrita. O acúmulo de documentos (calendários, datas, anais e outros) institui critérios fixos, nasce assim a história direcionada. A escrita estaciona o tempo, fixa o que passou, o tempo não mais retorna, agora percorre a linha. Não se pode desconsiderar outras influências para o

estabelecimento, no pensamento ocidental, da concepção de tempo linear. A atuação do cristianismo é uma delas, para Whitrow (2005) a visão cristã do tempo é linear pois enfatiza a não repetição de acontecimentos: a gênese, a crucificação, o apocalipse, eventos únicos e singulares que não se reprisam. Ainda segundo Whitrow (2005), no período medieval, tempo cíclico e tempo linear entram em conflito, os intelectuais, cientistas e eruditos, apoiados na astrologia e astronomia, adotavam o conceito cíclico, enquanto a classe mercantil tendia para a linearidade. Quando a sociedade centrava-se no poder da terra, o ciclo do solo ainda sugeria a ideia cíclica do tempo, porém, com a difusão das moedas, o ritmo modifica-se. O tempo passa a significar dinheiro, é progressivamente metrificado e cada instante é único. “O ritmo de vida aumentou, e o tempo passou a ser considerado algo valioso que parecia escapar continuamente” (WHITROW, 2005, p. 11). É o tempo da mercadoria.

Após o tempo da oralidade e o da escrita, Pelbart (2020) sugere que hoje vivencia-se uma nova modalidade. É o chamado terceiro momento e condiz com a sociedade informatizada. Nesse ponto, não observa-se reverência aos documentos tradicionais, mas sua reinvenção e atualização. É a era do hipertexto, uma obra interativa e coletiva, feita de fragmentos, remanejamentos. Tem-se o acesso a um turbilhão de pontos de vista, que se espalham por diversos tipos de mídias. A escrita é apenas um tipo de expressão das ideias, nunca teve-se antes tão fácil acesso a imagens e vídeos. O pensamento passa a ser construído através de montagens, composições, que são editadas constantemente. É o passado sendo reinventado pelo presente a cada átimo, é o tempo ritmado pela loucura, uma composição de Stravinsky. Posto isso, pergunta-se, se a flecha móvel consegue ser capaz de manter sua trajetória linear nesse novo momento. Questiona-se como se deve pensar o tempo nessa nova perspectiva, em meio a esse turbilhão. É para intrigar essa questão, que Pelbart (2020) evoca a imagem do tempo em Deleuze. Esse é o tempo visto a partir da perspectiva do rizoma.

Para uma breve compreensão do que apresenta-se como tempo rizomático, evoca-se as bases do pensamento rizomático. Em alternativa ao pensamento arbóreo, Deleuze e Guattari (1995) apresentam o rizoma, pensamento que valoriza o múltiplo, nele entram-se por qualquer lado, percorre-se por qualquer sentido, subtrai-se a unidade, é sempre n-1. No rizoma não existe hierarquia, ordem ou profundidade, ele se estende ao infinito, é a grama ou a erva daninha, que brota pelos vazios e com o tempo preenche o espaço. A erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento, ela é uma lição de moral” (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

“E o que se poderia ler em Deleuze a partir da ideia de um rizoma temporal, em que não se trata de uma linha do tempo nem de um círculo do tempo, tampouco de uma flecha invertida, ou quebrada, mas de uma rede temporal, que implica uma navegação multitemporal num fluxo aberto, assim como se navega hoje num hipertexto” (PELBART, 2020, p.28).

Dessa maneira, pensar o tempo na perspectiva rizomática é compreendê-lo como círculo descentrado, é o tempo múltiplo, selvagem, flutuante e desordenado. É o tempo do lenço amassado e da massa de argila, como sugere Pelbart (2020), “que a cada modelagem rearranja as distâncias entre os pontos nela assinalados” (PELBART, 2020, p. 34).

Adentramento

Com o objetivo de compreender a cidade como testemunho de um tempo não linear, o estudo adentra a cidade através da vivência prática. Desvendando os seus compassos desritmados, as sobrevivências invisíveis de tempos outros, que além de preservados nas materialidades, também se encontram nos corpos, sejam em seus trejeitos ou nas memórias esquecidas e reinventadas pelo contato com o espaço.

Segundo Britto e Jacques (2008, p.83) “A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada”. A experiência desperta a curiosidade e assim os espaços revelam-se lugares, as memórias manifestam-se. O estudo desdobra-se conforme o adentramento das práticas cotidianas, das multiplicidades resultantes das errâncias, desse modo a pesquisa estabiliza-se e se desestabiliza, expande-se e se contrai, torna-se um entrelaçamento entre prática e ideias. A cidade é entendida como lugar de fluxo, de movimento e relações coletivas, possui presenças de ausências, sobreposições temporais, históricas e políticas. Procurar compreender essa complexidade, que muda a cada passo em sucessões e intensidades variáveis, não é possível através de uma análise panorâmica, torna-se necessário o penetrar-se nessas heterogeneidades.

Esse adentramento é realizado pelo ato da deriva, termo de matriz situacionista, que propõe o ato de caminhar sem rumo definido, sendo o acaso definidor do percurso. Guy Debord é o responsável por descrever a prática da deriva, de acordo com o autor, “o conceito de deriva está ligado indissolúvelmente ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo, o que se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio” (DEBORD, 2003, p.1).

Certeau (1998) descreve o ato de caminhar em contraposição a uma visão panorâmica de cidade, exemplificada por alguém que observa a cidade no alto de uma torre, que lê o espaço sob um olhar divino, tornando-se um ponto que vê, “a cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (CERTEAU, 1998, p.170). Ao descer a torre e adentrar a cidade as perspectivas modificam-se, árvores de gestos ramificam-se por toda a parte, a experiência é ativada pelo conjunto de possibilidades. A prática da deriva é também correlacionada ao que Jacques (2006) nomeia de urbanista errante. Conforme a autora, o urbanista errante é aquele que busca experimentar a cidade, preocupando-se mais com as práticas, ações e percursos do que com as projeções gráficas. Ela critica os métodos difundidos da disciplina urbanística que pretendem “diagnosticar o espaço”, baseado em dados estatísticos, objetivos e genéricos. Para a autora, a errância corresponde ao perde-se no espaço, liga-se ao acaso existente no processo da deriva.

Enquanto o urbanismo busca a orientação através de mapas e planos, a preocupação do errante estaria mais na desorientação, sobretudo em deixar seus condicionamentos urbanos, uma vez que toda a educação do urbanismo está voltada para a questão do se orientar, ou seja, o contrário mesmo do “se perder” (JACQUES, 2006, p.120).



Lugares

Peço desculpas, aqui rompo com o nosso distanciamento, arrisco-me, aproximo-me. O estudo a seguir provém de um processo cartográfico do adentramento do centro de Presidente Prudente - SP realizado em 2021. A pesquisa revela parte da cidade onde nasci e habitei, nesta cidade, a maior parte das minhas memórias foram criadas e são redigidas, memórias presentes nos meus gestos e na minha fala. Neta de sítiantes da região e de sertanejos da Bahia, trago comigo expressões por eles usadas e que foram carregadas pelos meus pais. É comum me ouvir dizer que preciso “ir até a cidade” mesmo morando hoje no que os urbanistas ditam como “cidade formal”. Digo isso frequentemente e automaticamente. “Ir à cidade” equivale a ir ao centro³, que em Presidente Prudente costuma-se delimitar tecnicamente pelo quadrilátero central, recorte demarcado por quatro avenidas estruturais da cidade. Entretanto, como enfatiza Scudeller (2018), a ideia de centro ultrapassa as imposições dessa demarcação sendo variáveis os limites assimilados pela população. É deste recorte impreciso que o estudo parte e delimita-se para três praças centrais: praça da bandeira, praça nove de julho e praça monsenhor sarrion.

A praça da bandeira foi o segundo jardim construído na cidade, os primeiros registros fotográficos da praça datam de 1940. Antes disso, era um terreno baldio pertencente à Estrada de Ferro Sorocabana. A praça sofre as consequências do declínio do transporte ferroviário e a ascensão do automóvel e na década de 1980 ocorreu a construção do viaduto comendador Tanel Abbud. Em 1995, ocorreu a instalação do camelódromo na Praça da Bandeira como localização provisória, permanecendo até 2020, ano que iniciou-se uma reforma, não finalizada até o momento.

Nas derivas, a praça da bandeira torna-se quase imperceptível, há dois anos parte dela é cercada por tapumes metálicos. Para as pessoas sobra a calçada na qual permanecem esperando os ônibus. Nas brechas, recortes do tapume, é possível ver o escondido. Quando observo recordo do camelódromo, do movimento das pessoas circulando entre os boxes, o cheiro de pastel e fritura, os vendedores sentados em

³ Centro como irradiador da organização espacial urbana, sua centralidade não é apenas geográfica ou operativa, mas essencialmente simbólica.

Figura 1 - Localização - o centro de Presidente Prudente e as praças centrais. Fonte: Autora, 2023.



cadeiras almoçando e interrompidos pelos clientes que surgiam. Recordo do labiríntico espaço, com corredores estreitos que pareciam sempre os mesmos. O aspecto de praça continuava nas apropriações que se confundiam em harmonias desorganizadas.

Das conversas, encontros que o espaço possibilita, conheci o dono de uma banca de revistas da praça da bandeira. A banca é o único comércio que restou na praça durante o dia, à noite, em frente a banca, um carro de lanche é montado. Marildo tem 58 anos e é dono da banca há 21 anos, no início me contou sobre os impactos da reforma do camelódromo e como tem prejudicado suas vendas. A conversa estendeu-se em rodopios e através dela as memórias surgem mas não linearmente, percebo então que a relação de Marildo com o espaço é muito mais complexa e rompe com os limites da banca. Filho de ferroviário, seguiu a profissão do pai até o fechamento da estação, passou parte da adolescência na Rua Júlio Tiezzi em frente a estação bem ao lado da esplanada (praça da bandeira).

Marildo fala sobre atravessar a linha para namorar, das crianças brincando na rua, da casa com grande quintal com árvores frutíferas. Conta sobre uma feira que se estabelecia na praça antigamente, diz ter sido prejudicada pela grande quantidade de pássaros que passaram a criar território nas grandes árvores da praça. Com o término do funcionamento da estação, teve que se mudar pois as casas cedidas aos trabalhadores foram vendidas. O diálogo sempre é rompido por clientes da banca e é retomado aos poucos, por consequência, os assuntos não seguem uma ordem cronológica, o início da banca, a construção do viaduto, o camelódromo, sua infância, as mudanças... Os assuntos seguem formando um rizoma e estabelecendo relações. É fácil notar que Marildo criou laços afetivos com o ambiente em que cresceu, fato que é confirmado quando diz que conseguiu comprar a casa da estação. Diz que em uma época de baixa do mercado imobiliário obteve um bom preço pela casa, juntou o dinheiro e comprou. A nostalgia impulsionava Marildo a querer comprar a casa, contraditoriamente, ele não conseguiu manter os custos da residência que por ser antiga e grande, era de difícil manutenção. Assim, derrubou a casa, vendeu seus tijolos e construiu um estacionamento, para ele era uma boa fonte de lucro quando o camelódromo estava em funcionamento, mas que no momento o movimento está estagnado.



Figura 3 - A banca de revista da praça da bandeira. Fonte: Autora, 2023.

Assim como a de Marildo, ouvi histórias de outras pessoas pelas derivas, muitas conversas e relações estabelecidas ficaram de fora devido às complexidades de descrever em palavras todas as apreensões do recorte. Mas algumas delas não consigo deixar de citar, é o caso da amizade de Paulo e Gervásio, dois vendedores de pipoca da praça Monsenhor Sarrion. Portanto, parte-se agora para as praças do outro lado do calçadão, nove de Julho e Monsenhor Sarrion.

Segundo Abreu (1972), a primeira capela de Presidente Prudente foi construída em 1918 a mando do Coronel Goulart, ela localizava-se no centro da atual praça nove de julho. A primeira capela possuía uma arquitetura singela de madeira e servia para serviços religiosos esporádicos. Em 1936 foi lançada a pedra fundamental da Igreja Matriz. A praça monsenhor arrion foi inaugurada na década de 1940 após o término da construção da Catedral de São Sebastião. A catedral tornou-se um marco na cidade, ao seu redor eventos religiosos aglutinavam grande número de pessoas. Na década de 1980 a praça contava com um coreto e um espelho d'água que foram demolidos para dar lugar a um estacionamento, inicialmente apenas para eventos religiosos. De acordo com Cristóvão (2018), para que não houvesse outras alterações a praça foi tombada pelo município em 1985, porém esse tombamento foi revogado posteriormente. Atualmente a praça tornou-se definitivamente um estacionamento, com cobrança de taxa de permanência, o caráter de praça é deslocado para as laterais nas quais pontos de ônibus impulsionam a permanência das pessoas. Aproveitando esse fluxo, vendedores de pipoca, de caldo de cana e de frutas, fazem negócios. Os comerciantes localizam-se em frente à catedral, orientados para a Av. José Soares Marcondes. Da catedral expande-se o som das badaladas de um sino, a cada trinta minutos o som dispersa-se pelo centro.

Durante uma das derivas de domingo percebo que apenas um dos pipoqueiros permanece na praça. Comprei uma pipoca e conversei com o seu vendedor. Seu nome era Paulo, tinha 40 anos e o carrinho de pipoca pertencia a seu pai, aos domingos ele aproveita o fluxo de religiosos que assistem às missas para a venda de pipoca e reveza os turnos com o seu pai, que possui o carrinho há cerca de 30 anos, Paulo diz que passou parte de sua infância e adolescência na praça acompanhando seu pai nas vendas, fala que naquela época muitos pipoqueiros ficavam enfileirados na praça e que hoje sobraram apenas três. Segundo Paulo, a antiga gestão municipal pretendia



retirar os vendedores da praça, após resistências conseguiram permanecer apenas os vendedores mais antigos. Paulo é funcionário público, mas a venda de pipoca ajuda a complementar sua renda. Ele fala sobre ter morado em outras cidades maiores e que não se acostumou com o ritmo acelerado. Diz gostar de vender pipoca pois ali conhece pessoas e faz amizades. Dentre as amigas cita Gervásio, também pipoqueiro da praça, os dois revezam os finais de semana, Gervásio vende aos sábados enquanto ele no domingo. Segundo Paulo, Gervásio adora conversar e que por ele iria todos os dias, até no domingo só para ficar papeando. A conversa estendeu-se para assuntos pessoais, ao decorrer da conversa seu filho de 7 anos chega e esconde-se atrás do pai, no fim da conversa sua mulher também aparece. Percebo que a família acompanha o vendedor, em uma das derivas toda a família estava lá, inclusive seu outro filho mais velho.

Conheço Gervásio em uma manhã durante a semana, Paulo estava certo, ele adora papear. Gervásio mudou-se para Presidente Prudente aos 21 anos e casou-se com a neta de um vendedor de pipoca. É devido a esse fato que Gervásio conseguiu permanecer vendendo pipoca na praça com sua esposa, ela cuida do carrinho durante a tarde enquanto Gervásio durante as manhãs. O vendedor diz ter tido outros trabalhos mas que não se adaptou tão bem quanto com a venda de pipoca, pois ali consegue conversar, conhecer pessoas e se distrair. Diz que o movimento está fraco devido a pandemia da Covid-19 e também por causa dos transtornos no transporte público da cidade, que entrou em inúmeras greves devido ao processo de falência da concessionária da cidade. Apesar dos impasses, nosso diálogo sempre era interrompido por clientes, que permaneciam e também conversavam com Gervásio.

Do outro lado da Av. José Soares Marcondes é possível avistar o movimento da praça nove de julho. Lembro que durante a primeira deriva, enquanto permanecia nesta praça, fui surpreendida com a quantidade de andorinhas. Os pássaros voavam formando desenhos no céu, o sino tocava e a pintura seguia o ritmo do som, cada momento uma imagem diferente formava-se em uma perfeita sincronia. Neste domingo, a praça não estava tão movimentada como nos dias da semana, alguns homens conversavam espalhados pela praça, um morador de rua alimentava-se com a marmitta no colo,



dentre pessoas que chegavam e iam embora rapidamente, recorde de uma família que permaneceu por mais tempo. Eram duas mulheres e três crianças, as crianças estavam com carrinhos de garrafa pet que eram movidos através de barbantes. Antes dos pássaros surgirem, escutei as duas mulheres conversando, uma delas recorda como a fonte ficava iluminada durante o natal e exclamou que iria trazer novamente as crianças para verem os enfeites da época.

Segundo Abreu (1972), a praça 9 de julho foi inaugurada em 1933. De acordo com o historiador, o terreno anterior, adquirido pela municipalidade já nos primeiros anos da cidade, era um vazio desgracioso, prejudicado pelo lamaçal. Era neste terreno, que aconteciam as quermesses, os comícios e o circo. A transformação da quadra em jardim público “constituía velha aspiração dos prudentinos um local onde pudessem passar algumas horas de lazer e os jovens realizar o footing” (ABREU, 1972, p.309). Em sua configuração inicial, a praça contava com um coreto e uma fonte, internamente era recortada por canteiros com vegetação. De acordo com Bispo (2011), na década de 1950, o modismo das praças desarborizadas com fonte luminosa atingiu a praça, o coreto foi demolido, a fonte transformada e o desenho da praça modificado. Na década de 1960, os primeiros prédios da cidade foram erguidos no entorno da praça. Na década de 1980, novos equipamentos foram construídos, como o teatro de arena e as mesas para jogos. Nesse período, a praça contava com um famoso bar da cidade, localizado onde hoje encontra-se o posto policial, chamava-se “o jardineiro”. Segundo Cristóvão (2018), nos anos 2000, a praça sofreu algumas reformas, incluindo a construção da base da polícia militar e o recuo da calçada na porção oeste para a criação de pontos de ônibus. Em 2012, juntamente com a reforma do calçadão, ocorreram mudanças na praça, os pontos de ônibus deixaram de existir e o desenho do piso e os mobiliários foram modificados.

Nas derivas, a praça nove de julho destacou-se como lugar de desvio para variados territórios, muitos sendo acolhidos e ressignificados com o tempo. Nas primeiras derivas as mesas de jogos estavam interditadas devido a pandemia da covid-19, a delimitação da área não impediu que vários homens continuassem a se encontrar nos arredores das mesas para jogar e conversar. No teatro de arena, pessoas sentadas ou deitadas,

durante a semana era comum observar uma caixa de som no local, um dia vi moradores de rua dançando ao som das músicas que ela irradiava. Algumas pessoas em situação de rua criaram território próximo ao teatro, ficavam em dois bancos próximos que se direcionam para a fonte, eles utilizavam as palmeiras da praça para guardarem seus pertences, era possível ver malas, sacolas e bolsas. Alguns comerciantes ocupam o oeste da praça, a vendedora de cana e a banca de artesanatos sempre estão presentes em horários comerciais. A fonte, quando ligada, dispersa respingos de água em quem passa, é comum ver pessoas tirando foto no local, ou crianças brincando em sua proximidade. A fonte também era utilizada de outras formas, alguns sabonetes ficavam espalhados em suas laterais, observei um homem lavando seu pé, outro lavando sua roupa, outro recolhendo sua água e colocando em garrafas.

Um dia, em que estava sentada em um banco em frente a fonte, escuto atrás de mim um homem que cantava desafinado e em voz alta. Era baixo, com cabelos bagunçados e rosto redondo. Depois de algumas derivações reparo que ele sempre estava na praça, principalmente no lado oeste próximo ao calçadão. Através dos grupos de memória das redes sociais, descobri que ele é um morador de rua antigo da cidade e que sempre fica no centro, é conhecido como kalu ou mudinho. Assim como ele, é possível verificar vários outros personagens que se eternizaram nas lembranças das pessoas devido suas características desviantes. Nas redes sociais, muito fala-se sobre um homem, conhecido como pente fino, que ficava nos arredores da praça nove de julho vestido de soldado e que corria atrás dos jovens que o perturbava.

Durante os finais de tarde, em que o comércio começa a encerrar suas atividades, os moradores do entorno saem de suas casas e caminham pelas praças, muitos levam seus cachorros para passear entre o calçadão e as praças. Um cachorro carinhoso vem ao meu encontro, seu dono diz que o encontrou na praça perdido, assim como outros que cuidou. Diz morar em uma rua próxima e que antes da pandemia, costumava vender café todas as manhãs para os jogadores de cartas.

Em agosto de 2021, novas mudanças influenciaram as dinâmicas do recorte. A abertura das mesas de jogos da praça 9 de julho foi a primeira delas, a liberação ocasionou na volta dos inúmeros homens que jogam ali todos os dias. Também ocorreu uma pequena reforma na praça, os canteiros receberam novo paisagismo e a fonte voltou a ficar iluminada. Com as novas mudanças o movimento da praça alterou-se, foi possível perceber um aumento na permanência de famílias e crianças durante os finais de semana.

Em um domingo durante a noite, presenciei essa nova atmosfera que se formou, nesse mesmo dia uma fila ao lado de um carro começou a se formar próxima às mesas de jogos. Um projeto chamado “marmitta solidária”, distribuía marmittas às pessoas em situação de rua. A fila era formada em maioria por homens, mas também observava-se mulheres e crianças, após a entrega da comida as pessoas dirigiram-se para as mesas de jogos, as pessoas conversavam e se deslocavam entre as mesas enquanto comiam, até que o movimento começou a se dispersar.

Com as derivações apreendi inúmeros territórios, lugar dos pássaros que se deslocam com os anos entre as praças, dos corpos que caminham e formam passagens não prescritas, das pessoas que permanecem dialogando e marcando suas expressões no espaço... O contato que só é possível ser descoberto fora dos carros, nos espaços públicos e abertos da cidade, lugares não restritos pelas paredes do privado. As memórias compartilhadas e o transcorrer da oralidade durante as conversas são testemunhos do tempo não linear, assim como a percepção do tempo ritmado diferentemente em cada território, por vezes acelerado no comércio e no trânsito dos carros, e em outros casos, estacionado como durante uma contemplação dos pássaros. Adentrar estes lugares



complexos em temporalidades distintas, permitiu pensar como diversos territórios compartilham de uma grande memória, que tem como vínculo o espaço.

Lacunas abertas

O tempo acelerado do relógio não para e não nos permite parar, não temos tempo de conhecer o outro que está ao nosso lado ou contemplar os pássaros que desenharam no céu. Passamos por lugares ricos em afetos e histórias sem perceber, vamos sempre de carro por que é mais rápido, assim o automóvel obtém a cidade. Entretanto, os hiatos resistem, em meio ao caos e a correria, as praças persistem abrigando os corpos desviantes, corpos distintos mas que compartilham um mesmo recorte. Nas praças dividimos histórias, compartilhamos memórias. As experiências adquiridas permitiram identificar inúmeros territórios presentes no centro de Presidente Prudente, territórios outros, além dos comandados pela lógica produtivista. Muitas memórias foram redigidas e compartilhadas, mostrando o potencial afetivo provocado pelas camadas temporais que se cruzam e se sobrepõem no espaço. As multiplicidades e apropriações verificadas no recorte, mesmo com as restrições de um mundo pandêmico, permitem comprovar que precisamos de espaços públicos e abertos, necessitamos do encontro, da troca, do contato. A cidade desvio é aquela que permite essas multiplicidades, permite um tempo livre, que se modifica na permanência como as lembranças, lugar que afeta, que se acumula em um infinito cone invertido, em um infinito rizoma.

Figura 6 - Os inúmeros territórios da praça nove de julho. Fonte: Autora, 2023.

Referências

ABREU, D. S. *Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente*. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.

BISPO, Thaís Mitie Shiguematsu. *As Praças Centrais de Presidente Prudente-SP: avaliação do caráter como subsídio para intervenções projetuais*. 2011. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITTO, F.; JACQUES, P. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: BRITTO, F.; JACQUES, P. (Orgs.). *Paisagens do Corpo: Cadernos PPGAU –FAUFBA*. Salvador, número especial, Edufba, p. 79-86, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRISTÓFANI, Maria Eduarda Suguimoto de. *Eixo que resiste, cidade que existe: vitalidade das praças centrais de Presidente Prudente – SP e requalificação da praça da bandeira*. Dissertação (Graduação) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 1, 1995.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003

DIDI-HUBERMAN, G. *Diante do tempo: história da arte e anacronismos das imagens*. Tradução de Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

JACQUES, P.B. Elogio aos Errantes. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (Orgs.). *Corpos e cenários urbanos*. Salvador: Edufba, 2006. 117-140

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PELBART, Peter Pal. *Rizoma temporal*. São Paulo: ECidade, 2020.

PELBART, Peter Pal. *Tempo não-reconciliado: imagem de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

POHLMANN, Angela Raffin. *Pontos de passagem: o tempo no processo de criação*. 2005. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2005.

ROVELLI, C. *A ordem do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SCUDELLER, Bárbara Pozza. *Novo olhar ao centro*. Dissertação (Graduação) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018

WHITROW, G. J. *O que é o tempo? Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.